

# Falta tudo na invasão do Setor Gráfico

As primeiras invasões no Setor Gráfico começaram a aparecer há mais de vinte anos, mas com a construção de pequenas e médias empresas, os habitantes foram expulsos. Sem lugar para morar, juntaram-se, acharam um novo local e construíram novos barracos atrás do prédio da Imprensa Nacional. O Governo do Distrito Federal, através da Terracap tem cadastrado 43 barracos mas, segundo os moradores, existem mais de 50 espalhados pela invasão.

A extensão da invasão do Setor Gráfico pode ser comparada a uma área de uma superquadra. Como as árvores são muitas, quase sempre as «construções» são feitas à sua sombra. Dizem os moradores que «refresca». Pelo menos 250 pessoas — entre homens, mulheres e crianças — moram na invasão, sem as mínimas condições de higiene, sem água, luz, ou saneamento básico.

Dona Maria, mãe de cinco filhos, que trabalha como doméstica na SQS 204, bloco H, diz que este é o único meio de se ter um teto para morar. «Aqui eu não pago nada. Se tenho que trabalhar todos os dias, deixo meus filhos na rua sem medo nenhum porque tem sempre uma vizinha que toma conta e dá comida. O único medo que tenho é o de chegar em casa depois das 19 horas. Aqui não tem luz, e, às vezes, pode ser perigoso. A gente ou vê tanto falar em assalto!»

## DISTRAÇÃO

Segundo alguns moradores da invasão, não há violência no local, mas de vez em quando, a polícia aparece por lá. «Alguns ladrões de outros locais, fugindo da polícia, às vezes, param aqui. Levantam um barraco como qualquer pessoa e moram dentro dele até que a polícia chega. Aí a gente fica sabendo que a pessoa que tinha se mudado pra lá, não era boa coisa, que era um marginal perigoso», afirmou José Marques, conhecido pelos moradores como o Seu Zé do bar.

Seu Zé, proprietário de um bar na invasão (o único que tem luz e água) e também, vigia e lavador de carros na Imprensa Nacional. Afirma que morava no Cruzeiro, mas, como ganhava pouco, propôs ao «coronel» (que ele não quis identificar) para deixá-lo morar na casa de alvenaria que tem no lote da Imprensa. Segundo ele, o «coronel» aceitou e há mais de oito anos que ele está na invasão. E, quando quis construir um barraco, puxando luz e água da Imprensa Nacional, para montar um bar e criar alguns porcos, o «coronel», também deu permissão.

«Este bar é a única distração que essa gente tem por aqui. De noite, vem muita gente para beber um pouco, jogar um baralho e ver televisão. Estou pensando, inclusive, em ampliar um pouco o barzinho para poder receber todo o mundo. Mas, eu só faço isso se todo o pessoal da invasão ajudar. Aqui a gente tem muito pedreiro



Roque Sá

## Existem mais de 50 barracos espalhados pela invasão

e gente que sabe trabalhar. Felizmente a gente tem um lugar para morar. Está certo que é sem muito conforto, mas é preferível que nós estivessemos por aí pedindo esmola ou roubando», argumenta seu Zé.

Segundo o proprietário do bar, a única coisa que o «coronel» não deixa é que todo mundo use a luz da Imprensa. «O pessoal está usando. Aí um dia eu falei para não usar mais e ficou tudo certo. Mas quanto a água, eu pedi ao «coronel», para que ele deixasse se fazer um torneira na minha casa para atender ao pessoal. Ele concordou. Hoje, quando elas querem cozinhar ou lavar roupa, vem até aqui e pegam a água que é de graça».

## LUZ

Para os moradores da invasão, o problema da água não é nada, comparado à falta de luz. «A gente quer pagar mas ninguém põe luz aqui. A gente ouviu um boato que a Companhia de Eletricidade de Brasília (CEB) iria colocar alguns postes de luz. Mas até agora, nada foi feito. Eu acho que eles podiam confiar na gente e acender a luz porque é perigoso para as crianças que temos aqui. Outro dia mesmo, veio a polícia e prendeu um casal. A gente não sabe o que eles fizeram, mas se uma das crianças tivesse sido morta, como é que ia ser?», disse Antonio do Nascimento, morador do barraco 34.

A maioria das crianças da Invasão não estudam. Segundo seu Zé, quase todo mundo trabalha e não pode pagar colégio ou gastar mais

de uma passagem. Estamos pensando em pegar um barracão destes e fazer uma escola, para educar as nossas crianças. No futuro elas podem ter uma profissão e não vão precisar morar em invasão. Além disso, tem muito adulto aqui que poderia aprender se a professora tivesse disposta a dar aula à noite. Mas, para isso, precisamos de luz e de que o governo ajude a pagar a professora».

## MEDO

Mesmo que não dê certo, o seu Zé já está pensando em outra solução. «Aqui temos umas meninas que sabem ler direitinho e poderiam ensinar. Além disto, a gente tem ouvido falar em moças que ajudam porque gostam e, de repente a gente dá uma sorte e aparece uma que queira dar aula. Acontece, né?»

O único medo dos habitantes da invasão é que o governo mande que eles saiam de lá. «A gente não pode sair daqui. Ganhamos pouco e mal dá para alimentar a família. Mas aqui, pelo menos, todo mundo se gosta e se ajuda. Se um está precisando de comida o outro oferece e outras coisas. As crianças aqui têm um espaço enorme para brincar sem qualquer perigo porque quase não passa carro e, ainda não temos o problema de violência. Quem vai querer roubar a gente? Somos tão pobres como qualquer ladrão e, por isto mesmo, é que estamos na invasão. Moramos de graça sim, mas o pouco que a gente ganha dá para sustentar a família sem ter que matar ou roubar ninguém», concluiu.